

Ceilândia sofre consequências da superlotação

Dentro da própria rede oficial, um quadro-negro é facilmente pintado. Se nos estabelecimentos de segundo grau, voltados para o ensino profissionalizante, a situação pode ser considerada cômoda, o mesmo não se pode dizer de unidades de educação de primeiro grau. Na Ceilândia, 95 mil alunos matriculados em 1988 comprimem-se em 1 mil e 283 salas de aula. Umas superlotadas, outras ociosas, perfazendo a média de 75 crianças por ambiente.

A relação de aluno por escola é bem superior a do Plano Piloto, onde 48 mil estudantes dispõem de 873 salas. Neste caso, onde a população tem um poder aquisitivo bem superior em relação às satélites, existem, ainda, 87 educandários particulares. A Ceilândia possui apenas cinco estabelecimentos nessa categoria, sendo a maioria conveniada e voltada para outras funções que não a educação básica e primária.

SATURAÇÃO

No conjunto, as satélites possuem 91 colégios privados, com 90 por cento ofere-

cendo somente serviços de jardim de infância, maternal e pré-escolar. Nas áreas de mais baixa renda, onde o ensino público é fundamental para as comunidades, existem vagas em algumas unidades e saturação em outras. Para os técnicos da Fundação Educacional, o problema entra no aspecto social. Em Taguatinga, a comunidade se utiliza tão-somente do complexo escolar próximo a sua casa. Se o local é muito habitado, o estabelecimento lota.

A FEDF está iniciando um novo mapeamento da rede física, pois não existem números atualizados sobre a ociosidade ou não das salas de aula. Dados de 1985 indicam que, do universo de quatro mil e 533 ambientes dessa natureza, 309 estariam sendo utilizados para depósito de gêneros alimentícios; 623 para material de expediente; 278 destinados a produtos de limpeza; 205 para sucata de material da própria Fundação; e 24 para outros fins. Se há realmente um inchaço das escolas públicas, como explicar o desperdício verificado?